



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: A ATUAÇÃO DO MST NA EDUCAÇÃO ESCOLAR RURAL NA ATUALIDADE

Quele Santos Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: quele.ribeiro@hotmail.com

Adilson Amorim de Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: adilson.sousa@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, principalmente a partir do contexto político e social dos anos 1980-90, os Movimentos Sociais Populares¹ multiplicaram-se por todo território brasileiro através de uma extraordinária e criativa capacidade organizativa e mobilizadora, assinalando expressivas conquistas que tinham como finalidade garantir melhorias na qualidade de vida de amplos setores sociais, além da afirmação de direitos e exercício da cidadania para um número cada vez maior de agrupamentos humanos, construção de identidades coletivas e autoestima pessoal e social de setores e grupos historicamente discriminados ou oprimidos, atuando na intervenção de políticas públicas, modificando ou inibindo as seculares práticas assistencialistas e clientelistas, contribuindo assim para mudanças em nível do poder local e da política tradicional (BRITO, 2005, p. 03).

No âmbito da prática pedagógica, tais conquistas são permeadas por processos educativos, tanto dos participantes diretos de tais movimentos, quanto das pessoas, grupos e sociedades atingidos por suas ações. Na atualidade, para além dos acampamentos à beira de estradas, das ocupações e das marchas pela desconcentração da terra, os movimentos sociais reivindicam o acesso à educação pública, gratuita e de

¹ É importante ressaltar que a definição de movimentos sociais enquanto conceito não é consensual entre os teóricos estudiosos do assunto, portanto, é válido lembrar que este trabalho, a partir da análise marxista, onde fundamenta os movimentos sociais enquanto resultado da contradição existente entre capital e trabalho, tendo enquanto base a luta de classes, considera como movimentos sociais os agrupamentos de pessoas, geralmente das classes populares ou de grupos minoritários (no sentido de destituídos de poder) e discriminados, que agem coletivamente, com algum método, realizando parcerias e alianças, abrindo diálogos e negociações com interlocutores, como processos articulados para conquistas de direitos e exercício da cidadania.



qualidade em todos os níveis, atendendo as crianças, jovens e adultos de acampamentos e assentamentos. A democratização do conhecimento é considerada tão importante quanto a própria Reforma Agrária no processo de consolidação da democracia.

Nesse campo de preocupações inserem-se os esforços pedagógicos e a tentativa de ampliar os espaços escolares não urbanos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)², onde, reconhecem que a educação e o acesso à cultura, ao conhecimento e a valorização dos saberes populares, é condição fundamental para a realização dos brasileiros como seres humanos plenos, com dignidade e altivez. Com isso, o Movimento caminha na consolidação progressiva do Setor de Educação que, atualmente, está envolvido com cerca de 1.800 escolas públicas de acampamentos e assentamentos, onde estudam por volta de 160 mil crianças do ensino fundamental, atuando ainda na educação infantil e desenvolvendo um programa de alfabetização de jovens e adultos no qual participam cerca de 30 mil pessoas e conta com a participação de cerca de 3 mil educadores³, além de promoverem o uso de uma práxis pedagógica que converge com a experiência político-social e organizativa do movimento, divergindo do modelo formal encontrado nas escolas tradicionais.

Dito isso, este trabalho tem como principal objetivo analisar o funcionamento da educação escolar e as práticas metodológicas de ensino, bem como, discutir como os resultados alcançados nos assentamentos rurais organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), se aproximam da pedagogia libertadora elaborada por Paulo Freire, visto que, algumas características que são fundamentais e estão presentes na dinâmica educativa do Movimento, partem principalmente do modelo pedagógico freireano. Para isso, tomamos como base, além dos textos bibliográficos, estudos empíricos recentes e informações disponibilizadas pela própria organização e seus representantes em suas plataformas digitais.

² O surgimento do MST data a partir de 1984, num encontro em Cascavel, Paraná, onde foi promovido o I Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais sem Terra, resultado da união de muitos e diversos coletivos de camponeses – posseiros, arrendatários, migrantes, pequenos agricultores – que lutavam por seu direito à terra para produzir e viver.

³ Ver www.mst.org.br.



Estrutura pedagógica e processos escolares: MST e a Pedagogia freireana

Segundo Maria da Glória Gohn (2011), a educação não pode ser resumida à educação escolar tradicional, sendo amplamente possível haver aprendizagens e produções de saberes em outros espaços de maneira não formal, onde o caráter educativo está inserido nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos, através principalmente de diálogos, negociações e confrontos (GOHN, 2011, p. 333). Com isso, a autora afirma que,

a relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações (GOHN, 2011, p. 334).

Partindo desse princípio, Neusa Maria Dal Ri e Candido Giraldez Vieitez (2004), observam por meio da pesquisa empírica realizada no Instituto de Educação Josué de Castro⁴ (IEJC) que, como ocorre em outras organizações que divergem da ordem social capitalista, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) adquire um modelo de ensino autônomo ao perceber que o ensino formal não atende às necessidades de formação dos seus membros, visto que, a concepção de educação do MST comporta vários aspectos teóricos e ideológicos, bem como diversas práticas educacionais, onde correspondem a práxis econômica e a organização política de base do movimento. A metodologia pedagógica ministrado nas escolas do MST relaciona-se, acima de tudo, diretamente com a especificidade do militante que o Movimento precisa. Sendo assim, não basta que o militante tenha formação política, ainda que esta seja essencial. Paralelo a essa qualidade, “o Movimento precisa que o seu membro tenha também capacitação técnica, bem como desenvolva as aptidões necessárias à organização coletiva da vida social, à organização coletiva da produção e de outras atividades econômicas” (DAL RI; VIEITEZ, 2004, p. 45-46).

⁴ Escola construída e organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), localizada em Veranópolis, Rio Grande do Sul.



Todavia, ao tratar sobre a dinâmica educacional voltada principalmente para a formação e capacitação política dos membros integrados ao MST, Roseli Salele Caldart (2000) explica que, com o surgimento dos Sem Terra, formou-se não só um novo sujeito social como também um novo sujeito cultural, através da sua forma particular de realizar sua luta e vivenciar os valores e comportamentos que produz, dessa forma, a educação é um processo social no qual se destacam as relações entre educação e vida produtiva, entre formação humana e cultura, e entre educação e história. As ações educativas intencionais e planejadas das escolas devem se orientar a partir destas noções indissociáveis e jamais se deve tratar de compreender a escola fora de seus vínculos com processos sociais concretos (CALDART, 2000, p. 54-55).

Dessa forma, entende-se que, enquanto na sociedade capitalista uma das funções imediatas da educação é a de formar mão-de-obra para o mundo do trabalho através de uma relação indireta mediada pelo mercado, nas escolas do MST ou nas que estão sob a sua hegemonia é defendido o vínculo direto entre o ensino e o trabalho. E esse vínculo dá-se por meio do trabalho real exercido, não se separando do ato genuíno de produção e sem objetivar a extração do excedente econômico da força de trabalho. Portanto, essas organizações podem substituir competição por ações solidárias e de cooperação, o que lhes permite adaptar às suas condições o estudante que também é um trabalhador (DAL RI; VIEITEZ, 2004, p. 51).

Neusa Maria Dal Ri e Candido Giraldez Vieitez (2004) discorrem como essa dinâmica se dá de maneira prática nas escolas geridas pelo Movimento nos assentamentos e acampamentos, segundo os autores;

Os cursos estão organizados em etapas, cada uma constituída de dois tempos: o tempo escola e o tempo comunidade. O tempo escola é o tempo no qual os alunos ficam no Instituto e desenvolvem um conjunto de atividades do curso e a participação na gestão da escola. O tempo comunidade é o tempo no qual os alunos retornam aos acampamentos ou assentamentos, realizando tarefas que foram delegadas (...) Nesse tempo os alunos combinam atividades de estudo com a participação direta nas ações do Movimento, continuam ou iniciam tarefas que os levaram a fazer um curso específico e atendem às demandas de trabalho de cada local (DAL RI; VIEITEZ, 2004, p. 51).



Para além disso, é importante ressaltar que a pedagogia presente no Movimento não se caracteriza única e exclusivamente pela existência de escolas nos assentamentos e nos acampamentos, ou ainda por seu conjunto de práticas especificamente escolares. Embora estes sejam aspectos fundamentais, o Movimento ainda dispõe de um viés emancipatório, libertador e revolucionário, manifesto na relação estabelecida entre a organização e produção de conhecimento e a luta travada pela terra desde o surgimento do Movimento (PALUDETO; DAL RI, 2016, p. 05).

Levando tais aspectos em consideração, a consonância que se pode observar entre a prática metodológica do MST e a pedagogia de Paulo Freire é imediata. Pois, mais do que uma metodologia de alfabetização, Paulo Freire construiu uma concepção de educação como processo de humanização, ou seja, de libertação e emancipação, onde propõe estimular a inserção do educando ao seu contexto social e político, despertando, assim, a cidadania e a transformação literal, o que leva os sujeitos a questionarem às relações de poder às quais foram submetidos, criando dessa forma mecanismos de superação dessa realidade.

Na concepção freireana, esse processo emancipatório ocorre de maneira individual e coletiva, se construindo junto ao movimento, operando a sua modificação e por ele sendo modificado, fazendo da educação um ato político e estabelecendo a conscientização por meio do diálogo.

CONCLUSÃO

Assim sendo, conclui-se que os resultados alcançados pelo MST, em parte, advém da busca em autores como Paulo Freire, por fundamentos teórico-práticos para implementar sua política de educação, visto que, Freire aponta algumas características que são fundamentais e estão presentes na dinâmica educativa do MST, como: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

Para Freire, o ideal pedagógico dessa educação a favor da criticidade material e social fazem com que os brasileiros alarguem seu horizonte de percepção. Essa nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço ocorrerá somente pela pesquisa e não pelos procedimentos do ensino tradicional, marcado pela “perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das condições de vida” do



educando (FREIRE, 1999, p. 101). Tanto Freire, quanto o Movimento dos Trabalhadores, verão na educação popular a possibilidade da construção de uma educação verdadeiramente democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; MST; Práticas Pedagógicas; Pedagogia Freireana.

REFERÊNCIAS

BRITO, Afonso Barbosa. **Educação e Movimentos Sociais**. São Paulo: Boletim 03, abril de 2005.

CALDART, Roseli Salet. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

DAL RI, Neusa Maria; VIEILTEZ, Candido Giraldez. Campinas: **A Educação do Movimento dos Sem-Terra**. Revista Brasileira de Educação, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 2011.

PALUDETO, Melina Casari. DAL RI, Neusa Maria. **A Pedagogia do MST e seu Caráter Potencialmente Revolucionário**. São Paulo, 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Acompanhamento às escolas**. Boletim de Educação. São Paulo, n.8, jul., 2001.